

As percepções de futuro e os valores do trabalho nas perspectivas dos jovens calouros da Universidade de Brasília

GT – GT22: Sociologia da infância e juventude.

Rachel Almeida
Stefan Klein

Resumo

Esta comunicação está ancorada em duas temáticas centrais abordadas pela Sociologia contemporânea: as alterações no processo de transição para a vida adulta e a ascensão dos valores de autoexpressão, segundo a perspectiva da teoria pós-materialista. Nosso foco é a análise do modo como os jovens universitários, alunos da Universidade de Brasília, revelam as suas aspirações na esfera do trabalho, tendo como ponto de partida dados quantitativos, obtidos por meio de um quadro de valores do trabalho, similar aos que têm sido utilizados na pesquisa *World Values Survey*, com o objetivo de mapear as mudanças no sistema de crenças entre gerações nas chamadas sociedades industriais avançadas.

Palavras-Chave: Transição para a vida adulta, Teoria pós-materialista, Valores do Trabalho.

A transição para a vida adulta, outrora configurada em razão de marcos institucionais precisos como a passagem da escola para o mercado de trabalho, a saída da casa dos pais, o casamento e/ou a constituição de uma nova família, não era uma “sequência natural”, mas, antes, uma sequência socialmente prescrita, em um cenário estabelecido nos países desenvolvidos, nas décadas subsequentes ao pós-guerra, ancorado na estrutura do Estado do Bem-estar Social. Na atual conjuntura, no quadro de um conjunto de mudanças já conhecidas - desemprego, aumento do contingente de trabalhadores em condições precarizadas, expansão do trabalho parcial e temporário, ampliação do setor de serviços, incorporação cada vez maior do contingente feminino ao mundo do trabalho, redução da inclusão dos jovens e dos idosos no mercado de trabalho, e modificações na estrutura educacional – os jovens se confrontam com percursos escolares mais prolongados, inserções profissionais mais tardias e instáveis, homologias nos papéis de gênero e dilatação do tempo de conquista da independência financeira. Assim, a transição para a vida adulta passa a ser configurada de modo mais instável e fragmentado, com constantes oscilações (Bois-Reymond, Chisholm, 1993; Pais, Cairns, Pappamikail, 2005). Os diversos pesquisadores que se dedicam a esse veio de estudo têm notado que as mudanças no processo de transição para a vida adulta, de certo modo, espelham as transformações estruturais da sociedade (Pais, 2003; Marini, 1984a; Marini, 1984b; Vinken, 2007; Brannen, Nilsen, 2002).

Ao mesmo tempo, a teoria pós-materialista, divulgada no final da década de 1970, especialmente na obra “The silent revolution”, de Ronald Inglehart (1997), assevera que, a despeito das significativas diferenças culturais existentes entre as nações, uma mudança nos valores estaria ocorrendo associada ao desenvolvimento econômico, principalmente, a partir do século XX, nas sociedades industriais avançadas.

Sinteticamente, entrelaçando teoria, modelo de análise e um vasto conjunto de dados acumulados ao longo de três décadas, cobrindo 85% da população mundial, os pesquisadores pós-materialistas sugerem que à medida que as condições existenciais se modificam, é provável que as orientações

valorativas sofram alterações após um lapso de tempo significativo¹. Os efeitos das mudanças valorativas só podem ser verificados entre os membros das gerações que experimentaram as novas condições materiais, ou seja, as mudanças valorativas se manifestam com a mudança geracional (Inglehart & Welzel, 2009).

Seguindo esses princípios, com um recorte centrado nos valores do trabalho, o estudo que será aqui apresentado analisa os dados coletados pelo Observatório da Vida Estudantil, da Universidade de Brasília, referente ao universo dos ingressantes no 1º semestre de 2012 (N3564). Estes jovens responderam a um questionário *online* em que exploramos um quadro de valores do trabalho, apoiado nos moldes da pesquisa *World Values Survey*, composto por valores extrínsecos – segurança, remuneração elevada, boas oportunidades de promoção, flexibilidade de horários – e valores intrínsecos – trabalho interessante, autonomia, utilidade social.

Esta comunicação iniciará seu percurso com breves notas introdutórias acerca das temáticas – transição para a vida adulta e valores do trabalho – para, em seguida, se debruçar sobre os dados empíricos com o objetivo de observar qual é a distribuição dos valores do trabalho junto a essa população.

Transição para a vida adulta em um contexto de acentuação dos valores pós-materialistas

A tese da teoria pós-materialista está ancorada em dois pressupostos: primeiro, em uma releitura do eixo central da teoria da modernização, ou seja, da visão clássica de Marx, de que mudanças tecnológicas e desenvolvimento socioeconômico produzem impactos políticos e culturais (como nas orientações dos valores das pessoas) e, segundo, na explicação weberiana de que a herança cultural de uma sociedade configura as crenças e motivações predominantes dos indivíduos.

Seguindo esses argumentos, a industrialização produz racionalização, secularização e burocratização, mas a ascensão da sociedade do conhecimento gera um conjunto de valores de autoexpressão que transformam a modernização em um processo de desenvolvimento humano. Como explica Sen (2000, 10), “*o desenvolvimento consiste na eliminação de privações de liberdade que limitam as escolhas e as oportunidades das pessoas de exercerem ponderadamente sua condição de agente*”, de forma que a importância intrínseca da liberdade humana, em geral, como objetivo supremo do desenvolvimento é suplementada pela relevância instrumental, na promoção das mais diversas formas de liberdade, como as liberdades políticas e sociais.

Nesse sentido, o desenvolvimento econômico (liberdades econômicas) produziria mudanças culturais que tornam a autonomia individual, a igualdade de gênero (liberdades sociais) e a democracia (liberdades políticas) cada vez mais prováveis, gerando um novo tipo de sociedade humanística que promoveria os valores associados à emancipação humana em várias vertentes. Logo, “*o cerne da sequência do desenvolvimento humano é a ampliação da escolha e da autonomia humanas*” (Inglehart & Welzel, 2009, p.18), que “*se tornaram um tema central em todos os domínios da vida – da política à assistência à criança, às relações de gênero, às motivações para o trabalho; às orientações religiosas e ao engajamento cívico*” (Inglehart & Welzel, 2009, p.73). No trilho desses princípios, o modelo de análise do desenvolvimento humano apoia-se em três vetores: i) modernização socioeconômica; ii) crescente valorização da autoexpressão; iii) democratização. Conseqüentemente, as ligações entre desenvolvimento econômico, valores de autoexpressão e instituições democráticas refletem o elo entre experiência existencial de escolha, ênfase subjetiva das pessoas na escolha e seus direitos jurídicos à escolha assegurados.

Para esses teóricos pós-materialistas, as principais orientações valorativas em uma sociedade refletem as condições existenciais predominantes. A melhoria nas condições de existência, com o desenvolvimento econômico, gera, especialmente, três conseqüências: i) um sentimento de segurança existencial, alimentado pela redução das restrições materiais; ii) o aumento da independência cognitiva

¹ Este é um dos maiores projetos de pesquisa atualmente em curso nas Ciências Sociais denominado *World Values Survey*.

e informacional, motivado pela elevação do nível de educação formal e pela sociedade do conhecimento; iii) a ampliação da liberdade dos indivíduos em relação aos papéis e laços sociais pré-fixados, uma vez que a diversificação da interação humana alarga a liberdade das escolhas nos processos de socialização, favorecendo também a autonomia social. Assim, à medida que as condições existenciais se modificam, é provável que as orientações valorativas sofram alterações após um lapso de tempo significativo, pois o efeito só pode ser verificado entre os membros das gerações que experimentaram as novas condições materiais, ou seja, é isso que permite afirmar a forte associação, para não dizer total dependência, de mudanças valorativas face à mudança geracional.

Com o propósito de testar essas mudanças de valores, os pesquisadores identificaram duas dimensões-chave, uma ligada à industrialização (tradicional *versus* secular-razional) e outra à ascensão da sociedade pós-industrial (sobrevivência *versus* autoexpressão). No processo de transição entre a força de trabalho agrária e a industrial, os valores tradicionais perdem em ênfase enquanto os valores seculares-razonais ganham maior predominância. Em um segundo momento, quando a força de trabalho migra do setor industrial para o de serviços, a ênfase dos valores de sobrevivência diminui enquanto os valores de autoexpressão ganham maior projeção.

Os trabalhos desenvolvidos no âmbito do *World Values Survey* realizam comparações entre países, entre distintas gerações e entre as “ondas” - séries temporais de aplicação dos questionários. Deste modo, essas pesquisas, por meio de análise de *coortes* e comparações intergeracionais, demonstram que as sociedades passam por um processo gradual de mudança intergeracional de valores associado ao desenvolvimento econômico². Estes resultados evidenciam uma “*relação positiva do desenvolvimento econômico dos países e a valorização dos aspectos do trabalho centrados na realização pessoal e na autonomia dos indivíduos*” (FREIRE, 2009).

Aponta-se que nas sociedades mais ricas apresenta-se maior probabilidade de enfatizar os valores seculares-razonais e de autoexpressão do que ocorre entre os indivíduos das sociedades de baixa renda, revelando uma maior adesão das sociedades mais ricas aos valores pós-materialistas. Enquanto isso, os valores das sociedades com menor desenvolvimento econômico estão mudando muito lentamente, ou simplesmente não estão mudando. A emergência dos novos valores é acompanhada por alterações como novas formas religiosas, novas motivações para o trabalho, outras formas de relações de gênero e normas sexuais. É evidente que, neste contexto, trabalha-se com a ideia de um conceito mais ou menos linear de desenvolvimento econômico, significando que está pressuposto, pelos autores citados, a existência de uma ideia de desenvolvimento, o que vem sendo crescentemente questionado.

Nosso interesse nesta teoria incide sobre as motivações para o trabalho. E, nesta perspectiva, uma consideração é revelada por Inglehart e Welzel (2009), na obra “Modernização, Mudança Cultural e Democracia”, em uma pequena anotação sobre a relação entre níveis educacionais e as mudanças de valores em um mesmo país. Neste contexto, esses autores indicam que “*embora haja uma tendência universal para que níveis educacionais mais altos incentivem as pessoas a enfatizar mais os valores de autoexpressão, a diferença no grau atribuído aos valores de autoexpressão entre as pessoas de nível educacional de diferentes nações é mais acentuada do que entre os de mais alto nível educacional e o público em geral nas mesmas nações*” (Inglehart e Welzel, 2009, p.62)³.

Essa nota nos estimula então a questionar se seria viável aplicar a teoria pós-materialista e seu modelo de análise em estudos realizados com pequenos grupos em um determinado país, sinalizando que, possivelmente, haja caminhos distintos de mudanças de cunho material-financeiro (ou econômico) que

² Duas notas são muito importantes nesse momento, a primeira é a de que “embora o desenvolvimento econômico tenda a transformar as sociedades numa direção previsível, o processo não é determinístico” (Inglehart & Welzel, 2009, p.72) e, a segunda, é que a modernização cultural não é irreversível.

³ Vale ressaltar que, no decorrer das últimas décadas, a tipologia “valores do trabalho” tem sido explorada por diversos pesquisadores, e muitos deles têm apontado novas sugestões de ampliação do leque de valores do trabalho. Apenas como exemplo citamos algumas referências: Herzberg et al. 1959; Herzog 1982; Vala 2000; Johnson 2001, 2002 e 2007; Loscocco 1989; Loscocco e Kalleberg 1988; Marini et al. 1996.

possam provocar resultados semelhantes ou, igualmente e mais importante, se haveria outros fatores de maior relevância para que se possa compreender as transformações de valores. Esta teoria nos ajudaria a compreender as motivações para o trabalho vivenciadas por um grupo de jovens universitários nas mais distintas áreas científicas de formação? Assim, nossa proposta neste artigo é analisar os dados de um estudo realizado, recentemente, centrado nos jovens alunos de uma das principais universidades públicas brasileira, à luz da teoria pós-materialista.

As principais questões que procuramos responder são: Quais aspectos são mais valorizados por esses jovens universitários? Qual a relevância que os mesmos conferem aos elementos extrínsecos (salário, ganhos simbólicos associados à profissão e ao estatuto profissional, etc.), aqui considerados como valores de sobrevivência, e intrínsecos (possibilidade de desenvolver competências ou de estabelecer relações humanas consideradas gratificantes, etc), considerados como valores de autoexpressão? Como se distribuem estas diferentes formas de conceber o trabalho neste grupo de jovens?

As pesquisas acerca dos valores do trabalho, especialmente daquelas centradas na fase de transição para a vida adulta, concentram suas análises em torno dos aspectos que os jovens valorizam no trabalho e na forma como eles elencam suas prioridades. Algumas questões são exploradas de forma recorrente como, por exemplo, as diferenças de gênero (KONRAD et. al, 2000), entre os jovens de diferentes faixas etárias (LOSCOCCO e KALLENBER, 1988; MARINI, 1984a) e, principalmente, o impacto da experiência no mercado de trabalho na hierarquia e na escala de valores (KONRAD et. al, 2000; JOHNSON, 2001).

Essas análises salientam que a transição do estatuto de estudante para o de trabalhador é um período no curso da vida em que podemos identificar muitas mudanças naquilo que o jovem espera com relação ao trabalho. Um estudo de referência nesta área foi desenvolvido por Johnson (2001; 2002) e a autora explica que os jovens são um terreno fértil de investigação, pois tendem a avaliar uma série de recompensas do trabalho como tendo grande importância para eles. Segundo a autora, em um rol de dimensões relacionadas às aspirações educacionais, profissionais e pessoais, os jovens são bastante idealistas sobre aquilo que consideram ser capazes de obter. Os ajustes dessas expectativas ocorrem quando esses jovens começam a fazer concessões muitas vezes necessárias na transição para o mercado. Nessa circunstância, a transição para o trabalho em si poderá ser um momento importante na mudança da hierarquia de aspectos valorizados no trabalho, pois, com a experiência, eles ganham um melhor conhecimento do mercado e das recompensas aí disponíveis.

Pode-se, inclusive, lembrar que as categorias de “jovem” e de “estudante” precisam, no caso brasileiro, frequentemente ser problematizadas sob a perspectiva de que há um número (cada vez mais) significativo de pessoas que ingressam no ensino superior já inseridas no mercado de trabalho. Paralelamente, isso significa que esta categoria, que foi repetidas vezes classificada como de “estudante-trabalhador” (VARGAS e PAULA, 2013), pode ter ou não coincidência com a idade, afinal, muitas vezes trata-se de jovens que, em virtude dos mais diversos fatores, tiveram de iniciar sua vida profissional “cedo” em relação aos padrões sociais, enquanto outros são mais velhos e decidem estudar por motivações aliadas ou inteiramente distantes de sua inserção no mercado de trabalho.

Justifica-se recuperar aqui a discussão proposta por Bourdieu (2007) acerca da dialética entre as oportunidades objetivas e as esperanças subjetivas, entendendo, grosso modo, que as expectativas subjetivas tendem a se ajustar às oportunidades objetivas. Isto é, os jovens ajustam as suas aspirações em função das condições objetivas e das perspectivas de verem concretizadas essas aspirações. Assim, por meio dos esforços reflexivos, os indivíduos reequacionam constantemente esses valores a partir de sua habilidade de interpretação e leitura dos cenários com que se deparam. Essa reflexividade conduz a uma reorientação dos valores do trabalho ao longo do seu percurso de transição para a vida adulta (GIDDENS, 2002; GIDDENS, 2003).

Na pesquisa anteriormente citada, Johnson (2001) evidencia que a importância atribuída a todos os tipos de valores do trabalho diminuiu no período entre o final do ensino médio e os 30 anos. O ajuste de aspirações e de valores do trabalho é comum na medida em que os jovens percebem que algumas de

suas metas não são realizáveis na esfera do trabalho. E, portanto, o processo de ajuste acontece ao longo da aproximação desses jovens com a realidade do trabalho. Segundo a autora (Johnson, 2001), o papel do confronto efetivo com o trabalho na formação dos valores ou aspectos valorizados no trabalho ainda não foi objeto de intensa investigação à luz da instabilidade que pode ocorrer nesta escala ou hierarquia dos valores do trabalho durante a transição para a vida adulta. Conforme o seu argumento, as aspirações iniciais perdem em importância ao longo do tempo e no confronto com a realidade laboral. Nestas circunstâncias, a transição para o trabalho em si deve ser um fator importante para mudar a hierarquia de preferências entre os aspectos valorizados no trabalho. Com a experiência do trabalho, os jovens compreendem melhor o mercado de trabalho e o tipo de recompensas disponíveis a que poderão aspirar. Muitos jovens supervalorizam algumas recompensas de trabalho, que na prática muito provavelmente não serão cumpridas na totalidade desejada. Por isso, o confronto com o trabalho poderá levar o jovem a produzir uma desvalorização da importância atribuída a alguma recompensa a ser obtida por meio do trabalho. Os resultados das pesquisas de Johnson (2001) comprovam que o fato de o jovem depositar um grande valor em algo que não consegue obter, pode ser percebido como uma forma de ameaça a sua autoestima. Assim, para evitar se enxergar como incompetente ou como quem não consegue atingir um objetivo, ele tende a eleger ou valorizar aspectos sobre os quais tem, ou acredita ter, um maior domínio.

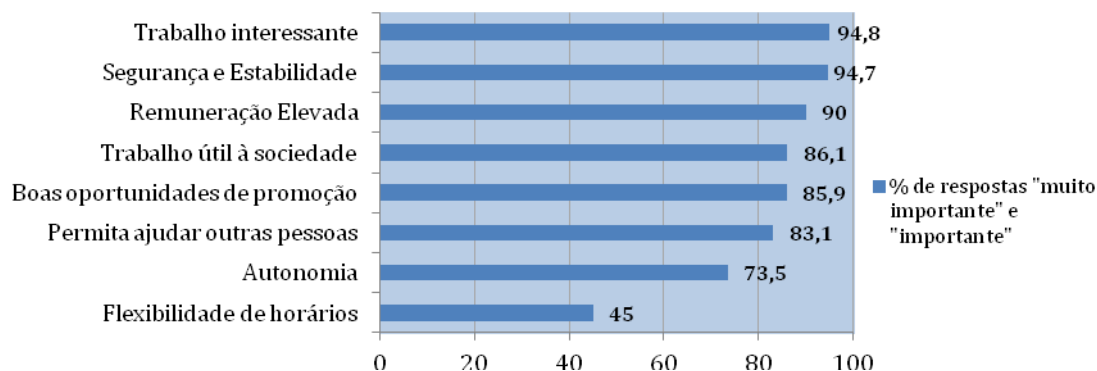
Esta nossa comunicação é, portanto, bastante embrionária, pois apresenta apenas um retrato, bem localizado e circunscrito, do quadro de valores do trabalho dos jovens universitários, no momento de ingresso na universidade. Além disso, a maioria dos alunos da UnB (57%) nunca trabalhou, 24,4% não trabalha no momento de ingresso, 7,3% têm trabalho com carteira assinada (o que revela certa estabilidade), 3,7% têm trabalho sem carteira assinada e 1,8% realiza estágio. Entretanto, vale ressaltar o potencial de explorações futuras com o acompanhamento longitudinal desses jovens ao longo dos anos de curso e do processo de inserção profissional.

Os jovens calouros da Universidade de Brasília e os valores do trabalho

Aproximando-se dos nossos dados, podemos notar que os jovens ingressantes na Universidade de Brasília revelam uma tendência já identificada internacionalmente, por Johnson (2001; 2002), em seus estudos no contexto norte-americano: os jovens têm, em geral, aspirações muito otimistas, criando um quadro de valores do trabalho com patamares elevados em diversas aspirações.

A alta valorização atribuída à maior parte dos quesitos elencados no questionário fica evidente. Mais de 80% dos jovens respondem que consideram “importante” ou “muito importante” os quesitos: “trabalho interessante”, “segurança e estabilidade”, “remuneração elevada”, “utilidade social”, “boas oportunidades de promoção” e o fato do trabalho “permitir ajudar outras pessoas”. A “autonomia” já está na casa dos 70% de respostas na hierarquia “importante” e “muito importante”, sendo que o quesito menos valorizado por este grupo é a “flexibilidade de horários de trabalho”.

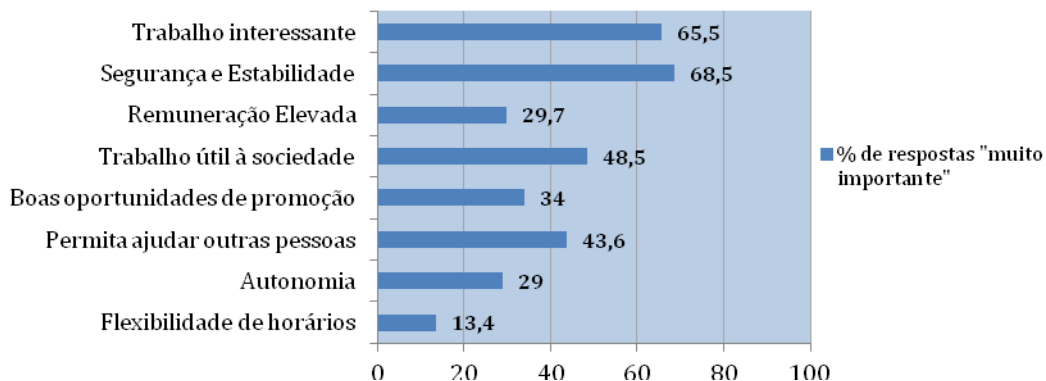
Valores do Trabalho



Fonte: Pesquisa Perfil dos Estudantes da Universidade de Brasília – Etapa Registro, 2012.

Ao passarmos para o critério “muito importante” – o ponto mais alto da escala – observamos algumas diferenças singulares entre esses valores. O trabalho “seguro e estável” e o trabalho “interessante” ganham uma projeção diferenciada dos demais, ultrapassando a casa dos 60% de jovens alinhados a essas aspirações. Na sequência, os valores do trabalho relacionados à utilidade social e à possibilidade de ajudar outras pessoas situam o percentual de resposta na faixa entre 40 e 50. As boas oportunidades de promoção social são altamente valorizadas por 34% dos jovens. A remuneração elevada e a autonomia são aspectos do trabalho considerados de muita importância para um grupo de cerca de 29%. E a flexibilidade de horários aparece neste grupo como o quesito de menor importância relativa.

Valores do Trabalho



Fonte: Pesquisa Perfil dos Estudantes da Universidade de Brasília – Etapa Registro, 2012.

É importante notar que no topo desta hierarquia estão duas aspirações profissionais distintas do ponto de vista da tipologia pós-materialista: “o trabalho interessante” é um valor considerado pós-materialista, e “o trabalho seguro e estável” é um valor materialista.

O trabalho interessante tem sido registrado em diversas referências internacionais como uma das principais aspirações dos jovens contemporâneos. Conforme comenta Johnson (2001, p. 328), na pesquisa já citada anteriormente, “(...) *having a job “which is interesting to do” was the most important job feature for both males and females in both waves. Nearly all young people thought that this job feature was “very important”*”. O significado atribuído ao trabalho interessante ainda requer estudos mais aprofundados, que permitam configurar as principais dimensões que compõem o atributo “interessante”. Em recente estudo realizado com outro grupo de jovens universitários brasileiros foi

possível fazer o exercício de mergulhar em dados obtidos em grupos focais para conhecer o significado atribuído ao “trabalho seguro e estável” (ALMEIDA, 2010). Para este grupo de jovens, “segurança e estabilidade” é um termo com significado relativo, que ganha diferentes conotações em função das condições objetivas de cada indivíduo. Assim, “segurança e estabilidade” podem significar desde o modelo iconográfico do serviço público até a capacidade de coordenar um rol de ações bem calculadas a fim de se manter trabalhando na sua área de formação, mesmo que alternando o empregador e a posição ocupada no mercado. Esses resultados coadunam, inclusive, com análises sobre jovens diplomados portugueses, para os quais o desejo recorrente é por uma “*estabilidade que lhes permita antever o futuro com serenidade*” (ALVES, 2009, p. 211), de poder ver um resultado continuado do trabalho, estabilidade por meio de horários estáveis, ritmo de trabalho menos intenso e assegurado por direitos trabalhistas. A segurança é ainda por eles percebida como sinônimo de remuneração fixa, mesmo que haja mudanças de emprego e de cargo.

Observado este retrato estrutural, passamos a recorrer às análises de diferenças por gênero ou por área de formação. Notamos que estatisticamente não existe diferença entre os gêneros na observação de cada um dos valores do trabalho. No entanto, se selecionarmos o percentual de respostas “muito importante” para cada um desses valores, é possível notar que proporcionalmente os homens valorizam mais do que as mulheres os quesitos: “remuneração” e “autonomia”, ao passo que as mulheres valorizam mais do que os homens os quesitos: “segurança e estabilidade”, “trabalho interessante”, “trabalho útil”, “ajudar as outras pessoas” e “boas oportunidades de promoção”. O quesito flexibilidade é considerando “muito importante”, de forma equânime, por 13% dos homens e das mulheres. Johnson (2001, p. 319) já apontara que “*young women place more importance than young men on a greater variety of possible job rewards*”.

A análise por área científica considerou que as novas unidades da Universidade de Brasília, criadas recentemente em razão do processo de expansão do ensino superior público brasileiro, se distinguem umas das outras a partir das diferenças entre as áreas de formação. Assim, o câmpus Planaltina se caracteriza por contemplar cursos orientados para as Ciências Agrárias, o câmpus Ceilândia está direcionada para a área da Saúde e a unidade do Gama abrange a área das Engenharias (ALMEIDA, KLEIN, 201?). Mais uma vez, não é possível notar diferenças, que tenham significado estatístico, no que diz respeito às orientações valorativas entre os jovens com escolhas profissionais por áreas de formação distintas.

Algumas observações desse estudo se destacam e merecem futuras pesquisas. A primeira nota refere-se ao fato que os jovens alunos do câmpus Planaltina, na maior parte dos valores do trabalho aqui analisados, estão percentualmente mais concentrados na categoria “muito importante” quando comparados com o percentual dos jovens das demais unidades. Esta informação nos estimula a abrir uma hipótese para exploração futura: uma vez no câmpus Planaltina há uma maior representação de alunos com origens sociais mais baixas, de que modo a variável origens sociais revela alterações na hierarquia de valores do trabalho? Ainda vale destacar que na escala “muito importante”, os valores “autonomia” e “flexibilidade de horários” estão mais acentuados no câmpus Gama, ou seja, entre os futuros engenheiros, enquanto as aspirações “trabalho útil à sociedade” e “um trabalho que permita ajuda outras pessoas” estão mais acentuadas no câmpus Ceilândia, ou seja, entre os futuros profissionais da área da Saúde.

Considerações Finais

Este ensaio, inspirado por análises contemporâneas sobre o processo de transição para a vida adulta e pela teoria pós-materialista, teve como objetivo principal observar o quadro de valores do trabalho dos jovens universitários ingressantes em uma das maiores universidades brasileiras.

Os resultados sugerem que a tese de Inglehart (1977) encontra respaldo parcial na expressiva valoração do quesito “trabalho interessante”, entretanto, neste grupo, permanece um ainda *pari passu* a aspiração

“segurança do trabalho”. Ambas as aspirações estão em visível destaque perante as demais se considerarmos o critério “muito importante” ou a soma dos critérios “muito importante” e “importante”. E, aqui, é certo que devemos especificar um aspecto da realidade brasileira em que, se certos direitos do trabalho são relativamente antigos, considerando-se sua inserção no histórico de constituição e, sobretudo, consolidação política da república no Brasil, é ao mesmo tempo correto afirmar que estes permaneceram relativamente restritos em termos de alcance da população, e começaram a sofrer flexibilizações de variados tipos antes mesmo que uma significativa parcela da PEA pudesse, em algum momento, adquirir este estatuto. Logo, o apelo do funcionalismo público, retratado através da carreira de servidor autárquico e estável, constituiu e, conforme esses dados preliminares apontam, permanece um valor relevante para os jovens brasileiros. É difícil, neste momento - e impossível, com estes dados - avaliar mudanças geracionais de acordo com as diferentes maneiras de os recentes governos, sob a assim chamada Nova República, influenciarem essa percepção; o que interessa, aqui, é salientar como este é um aspecto que se diferencia de mudanças observadas no que é frequentemente homogeneizado como "mundo ocidental" e, por isso, talvez mereça investigações mais profundas.

No extremo oposto desta hierarquia estão os valores “autonomia” e “flexibilidade de horários” que no conjunto, em termos relativos, aparecem como os menos valorizados tanto no exercício de observar apenas o critério “muito importante” ou na análise conjugada dos critérios “muito importante” e “importante”.

Os quatro valores do trabalho que compõem a faixa intermediária desta hierarquia revelam uma variação se analisados apenas segundo o critério “muito importante” ou se averiguados no somatório das apreciações “muito importante” e “importante”. O valor “remuneração elevada” é considerado “muito importante” por apenas 29,7% dos jovens, enquanto “o trabalho útil à sociedade” atinge a cifra de 48,5% e “o trabalho que permita ajudar outras pessoas” alcança a marca dos 43,6% neste grupo.

Outra nota relevante é que esses dados apresentam uma forte transversalidade dessa escala de valores quando se observa as distinções entre gênero e área científica não permitindo a identificação de diferenças estatisticamente significativas.

Por fim, enfatizamos que este é um estudo exploratório, que vale enquanto pista para futuros estudos que pretendam conhecer melhor as diversas dinâmicas vivenciadas pelos jovens universitários, dentre elas, as aspirações na esfera do trabalho, bem como os ajustes destes quadros de valores, ao longo do processo de transição para a vida adulta.

Referências

ALMEIDA, Rachel de Castro. O valor do trabalho para a juventude contemporânea na elaboração de projetos de vida. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

ALVES, Natália. Inserção profissional e formas identitárias: o caso dos licenciados da Universidade de Lisboa. Lisboa: Educa, Unidade de I&D de Ciências da Educação, 2009.

BOIS-REYMOND, Manuela Du & CHISHOLM, Lynne. Youth transitions, gender and social change. *Sociology*, 1993, 27(2): 259-279.

BOURDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BRANNEN, Julia; NILSEN, Ann. Young people’s time perspective: from youth to adulthood. *Sociology*, 2002, n. 36, p. 513- 537

FREIRE, João. Economia e Sociedade: contributos para uma sociologia da vida económica em Portugal na viragem do século. Celta Editora. Lisboa, 2008.

- GIDDENS, Anthony. A constituição da sociedade. São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- GIDDENS, Anthony. Modernidade e Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2002.
- HERZBER, F., et al.. The Motivation to Work. Nova Iorque: John Wiley and Sons, 1959.
- HERZO, A. R. High school seniors occupational plans and values: Trends in sex differences, 1976 through 1980. *Sociology of Education*, 1982, n. 55, p.1-13.
- INGLEHART, Ronald. The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles among Western Publics. Princeton: Princeton University Press, 1997.
- INGLEHART, Ronald; WELZEL, Christian. Modernização, mudança culturas e democracia. São Paulo, Ed. Verbena, 2009.
- JOHNSON, Monica Kirkpatrick. Change in Job Values During the Transition to Adulthood. *Work and Occupations*, 2001; n. 28; p.315-345.
- JOHNSON, Monica Kirkpatrick. Social origins, adolescent experiences and work value trajectories during the transition to adulthood. *Social Forces*, 2002, vol. 80, n. 4, p. 1307-1341.
- JOHNSON, Monica Kirkpatrick; MORTIMER, Jeylan T.; LEE, Jennifer C.; STERN, t Michael J. Judgments About Work: Dimensionality Revisited. *Work and Occupations*, 2007, 34, p. 290-317.
- KONRAD, Alison M. Konrad; CORRIGALL, Elizabeth Corrigall; LIEB, Pamela; RICHIE Jr., J. Edgar Ritchie. Sex Differences in Job Attribute Preferences among Managers and Business Students. *Group Organization Management*, 2000; 25; 108
- LOSCOCCO K. A.; KALLEBERG, A. L. Age and the meaning of work in the United States and Japan. *Social Forces*, 1988, vol. 67, n.º 2, p. 337-355.
- LOSCOCCO, K. The instrumentally oriented factory worker, myth or reality?. *Work and Occupations*, 1989, n.º 161, p. 3-25.
- MARINI, M. M. Age and sequencing norms in the transition to adulthood, **Social Forces**, 1984 vol.63, nº1, 229-44.
- MARINI, M. M. The order of events in the transition to adulthood. **Sociology of Education**, 1984, vol. 57, nº2, 63-84.
- Marini, M. M., et al.. Gender and job values. *Sociology of Education*, 1996, n.º 69: 49-65.
- PAIS, José Machado. The Multiple Faces of the Future in the Labyrinth of Life. **Journal of Youth Studies**, Vol. 6, No. 2, 2003.
- PAIS, José Machado; CAIRNS, David; PAPPÁMIKAIL, Lia. Jovens europeus: retrato da diversidade. **Tempo Social**, v. 17, n. 2, nov. 2005.
- SEN, Amartya. Desenvolvimento como liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- VALA, Jorge. Mudanças nos valores associados ao trabalho e satisfação com o trabalho. In CABRAL, M. Villaverde, VALA, Jorge, FREIRE, João (org). Trabalho e Cidadania. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2000, p.73-95.
- VARGAS, Hustana Maria e PAULA, Maria de Fátima Costa de. A inclusão do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante na educação superior: desafio público a ser enfrentado. **Avaliação**, vol.18, n.2, jul. 2013, pp. 459-485.
- VINKEN, Henk. New life course dynamics? Career orientations, work values and future perceptions of Dutch youth. **Young**, 2007; v. 15; p. 9-30.